

**A CANETA E A ENXADA:  
Movimentos rurais em Valente na década de 1970**

**Jânio Lopes de Oliveira<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este trabalho faz uma abordagem sobre movimentos dos trabalhadores rurais em Valente-Ba na década de 1970, a partir do estudo das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), que aparece como as primeiras organizações populares do período. O desenvolvimento dessas organizações entre os trabalhadores rurais, assim como todo o processo de luta e conscientização política, são os elementos cruciais deste trabalho. As conquistas e o processo de luta destes trabalhadores são evidenciados a partir de diferentes fontes documentais e depoimentos orais que foram utilizados na produção deste trabalho, onde possibilitaram compreender as demandas dos grupos de trabalhadores no período, suas organizações, articulações e os principais problemas dentro de suas comunidades.

**Palavras-Chave:** Trabalhadores rurais, Comunidades Eclesiais de Base, movimentos sociais.

Este trabalho é produto de uma pesquisa sobre os movimentos sociais em comunidades rurais de Valente-Ba na década de 1970. Estes movimentos surgem neste período a partir da organização coletiva de pequenos agricultores, que trabalhavam em suas pequenas propriedades no cultivo de grãos e raízes e com a criação de animais, e ainda vendiam sua força de trabalho em propriedades maiores, na zona rural do município. Influenciados pelas ações pastorais da Igreja Católica, esses movimentos apresentam suas raízes nas CEB's (Comunidades Eclesiais de Base), pequenos grupos de círculo de orações com discussões e ações voltadas para dentro da comunidade, onde estão inseridas as primeiras organizações desenvolvidas pelos agricultores, com apoio dos padres e leigos que assumem um compromisso de evangelização e de luta com os trabalhadores.

A cidade de Valente na atualidade possui diferentes organizações sociais e movimentos que surgiram em décadas passadas e são representadas a partir de instituições associativistas e cooperativistas, e suas ações econômicas e sociais

contribuem definitivamente com o desenvolvimento da cidade. Entendendo a relevância de instituições como a APAEB-Valente (Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira) para o desenvolvimento econômico, social e cultural de Valente, percebemos a importância de resgatar o processo histórico de construção destas instituições, que estão inseridas no contexto representado na década de 1970 com a formação das CEBs. A APAEB, assim como outras associações comunitárias e a luta dentro do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Valente surgem a partir do fortalecimento da organização dos trabalhadores rurais, que se consolida em uma luta agora institucionalizada, que surge para representar os interesses políticos e econômicos dos trabalhadores rurais da região.

Percebendo a heterogeneidade dos conflitos no campo, principalmente em diferentes etapas da nossa história, abordamos neste trabalho a luta dos trabalhadores das comunidades rurais de Valente. Dentro desse processo de luta, se destaca a forte influência de setores da Igreja Católica na formação das bases de alguns movimentos sociais no Brasil. Partindo de princípios teóricos da Teologia da Libertação, setores mais progressistas da Igreja assumiam a luta junto às camadas populares da sociedade, com a proposta de conscientização, politização e libertação do homem.

A partir dos anos de 1950, há uma forte presença da Igreja Católica na formação de diferentes organizações populares, desenvolvendo um trabalho de base com comunidades rurais e urbanas em grande parte da América Latina e principalmente no Brasil. Essa postura assumida pela Igreja foi, sobretudo, uma consequência do processo de emancipação política que se consuma com a quebra de dependência com a Igreja europeia<sup>2</sup>. Percebe-se assim, uma reestruturação nas bases de uma instituição em crise, que vem perdendo sua hegemonia conquistada por mais de um milênio e também um grande poder de controle sobre a sociedade. E nesse contexto de crise percebe que necessita de reformulações nas suas práticas para não perder sua influência junto ao povo<sup>3</sup>. Alguns segmentos da Igreja Católica já se manifestavam no início da década de 1950, pressionando o governo por políticas de reforma agrária, segundo a qual seria uma das alternativas de melhoria das condições de vida no campo. A posição assumida por alguns segmentos desta instituição religiosa é consequência, entre outras, de um “receio da Igreja em deixar de ser referência espiritual da população rural”<sup>4</sup>.

A preocupação da Igreja nascia de uma conjuntura específica, onde a organização dos trabalhadores rurais (neste momento junto as Ligas Camponesas) e urbanos possuía uma forte influência dos comunistas. A Igreja Católica foi uma instituição que por muitos séculos legitimava a exploração praticada contra os trabalhadores, a partir da sustentação de um discurso religioso que “manipulava” os fiéis, onde o sofrimento e a situação de miséria do povo pobre era algo natural, portanto, imutável. A forte influência dos comunistas dentro das organizações rurais trazia uma crítica forte a estas tradições religiosas e as Ligas Camponesas assumiam uma postura anticlerical e uma interpretação própria do cristianismo<sup>5</sup>. É neste contexto que alguns setores da Igreja Católica se aproximam das massas rurais, assumindo uma nova postura, agora servindo aos interesses do povo.

Essa transformação que acontece dentro da estrutura institucional da Igreja, é um reflexo de discussões e pesquisas elaboradas por bispos e demais personagens que constituem a alta hierarquia clerical. Há uma aproximação entre a fé e a ciência a partir de 1950, que abre possibilidades de novas discussões entre intelectuais religiosos e laicos sobre diferentes problemas presentes na sociedade.

Essa aproximação efetiva conduziu a ação da Igreja na busca de soluções para os problemas humanos e estimulou a criação e o apoio financeiro para inúmeros projetos de pesquisa, cujo objetivo central seria conhecer e criar soluções aos desafios que envolvem a luta pela libertação do homem<sup>6</sup>.

Estas discussões são fundamentais para a nova postura assumida por uma ala da Igreja católica no Brasil. Essa transformação é concretizada nas ações de luta em favor das classes populares que habitam o campo e a cidade, a busca pela autonomia e direitos sociais do povo passa a representar as principais reformas sociais defendidas pela Igreja. Essas ações são sustentadas pela Teologia da Libertação, arcabouço teórico fundamentado dentro da Igreja com uma forte influência de princípios marxistas, entre os quais a solidariedade de classe atrai muitos militantes religiosos<sup>7</sup>.

Os movimentos sociais emergentes no início dos anos de 1970 apresentam características próprias de uma experiência coletiva germinada nos diferentes espaços comunitários. É neste período que ganha corpo um novo movimento rural e urbano, aonde se vai construindo um novo sindicalismo, formado de uma experiência coletiva que nasce em um cotidiano próprio dos sujeitos que os constitui, um cotidiano marcado

pela solidariedade desenvolvida entre estas pessoas, que se unem na superação das dificuldades impostas pelo sistema dominante. Estes movimentos sociais que surgem em plena ditadura militar no Brasil, ganham força em um contexto específico, a partir da luta em diferentes setores da sociedade.

A permanência do arbítrio e do alijamento dos setores populares associou amplas camadas sociais, da imprensa à Igreja, do movimento estudantil às associações de Moradores, contribuindo para que as reivindicações que germinavam desde os primeiros anos da década viessem à tona por volta de 1976-77, no quadro de crise de legitimidade por que passava então o regime militar <sup>8</sup>.

A Igreja Católica aparece como protagonista de um trabalho de base, onde as experiências destes sujeitos oferecem espaço para a organização da luta, articulada principalmente a partir da junção da prática religiosa católica presente na cultura destas pessoas com a luta pela autonomia, liberdade e direitos civis.

É nesse contexto que os trabalhadores rurais de Valente iniciam suas lutas. Em um período de repressão civil/militar no Brasil e também uma forte opressão política na sua localidade. As organizações sociais que surgem a partir daí se enquadram a um processo histórico nacional de organizações populares que se desenvolvem no campo e na cidade por quase todo o país. Na análise de Eder Sader <sup>9</sup>, estes movimentos sociais são produtos de um processo de reorganização próprios da década de 1970, onde os sujeitos se organizam em novos espaços de luta, preservando suas experiências, suas relações, suas crenças, enfim, se reconhecem como sujeitos a partir do seu cotidiano.

O impacto dos movimentos sociais em 1978 levou a uma revalorização de práticas sociais presentes no cotidiano popular, ofuscadas pelas modalidades dominantes de sua representação. Foram assim redescobertos movimentos sociais desde sua gestação no curso da década de 1970 <sup>10</sup>.

A emergência de uma identidade coletiva dentro destes grupos sociais, no caso de Valente nos grupos de trabalhadores rurais, se constitui a partir da experiência que se constrói no cotidiano, na solidariedade coletiva, nas práticas da religião, da cultura local. Foram nesse processo que em algumas comunidades rurais, na maioria das vezes, os trabalhadores incluíram na prática religiosa, geralmente muito comum entre eles, às discussões sobre suas condições de vida e os problemas de suas comunidades. Foi nesse momento, que apareceu a Igreja Católica fazendo um trabalho de base junto às camadas populares.

A matriz discursiva da teologia da libertação, que emerge nas comunidades da Igreja, tem raízes mais fundas na cultura popular e apoia-se numa organização bem implantada. Beneficia-se do ‘reconhecimento imediato’ estabelecido através da religiosidade popular<sup>11</sup>.

Se apropriando dos registros paroquiais da Igreja de Valente, podemos perceber os primeiros relatos dos trabalhos nas comunidades rurais a partir de 1973, onde se destacam os povoados de Jiboia e Lagoa Grande e as fazendas Malhada do Umbuzeiro e Papagaio. Na descrição destes trabalhos o relator descreveu o objetivo dos encontros nestas comunidades: “encaminhar o trabalho de comunidade, de acordo às diretrizes e prioridades da Igreja no Brasil, isto com a presença do Vigário e orientação para os próprios moradores assumirem desde logo”<sup>12</sup>. Como já foi dito, as “diretrizes” e “prioridades” da Igreja ao que se refere neste relato poderiam estar relacionadas às novas propostas de evangelização direcionadas pela Teologia da Libertação. A preocupação para que os moradores assumam “desde logo”, por parte dos párocos, pressupõe a necessidade de emancipação dos grupos, aonde os próprios moradores das comunidades conduziram as reuniões e encontros.

Os anos seguintes apresentam um forte crescimento na quantidade das comunidades onde existem grupos de moradores (trabalhadores rurais) organizados a partir das CEB’s (Comunidades Eclesiais de Base). Em 1974 podemos perceber um avanço dos trabalhos.

Os animadores das comunidades da roça e da rua que estão despertando para o trabalho comunitário, realizaram encontros para entrosamento e troca de experiência do próprio trabalho através de expressões e arte popular... Uns grupos da rua procuraram dar passos para entender o Evangelho dentro da vida e dos problemas do povo... Junto com as reuniões casos particulares de necessidade em que os grupos procuram solução simples, de colheitas, de mutirão e ajuda fraterna.<sup>13</sup>

No ano de 1975 encontramos um número maior de comunidades onde se encontram organizações dos trabalhadores rurais.

(...) Total de oito comunidades, se reuniram para um encontro na capela de Recreio, onde depois de troca de experiência e avaliação, foi celebrada missa muito bem participada e animada, até com uns cantos formado pelos próprios animadores dentro do sentido da celebração. Nessas comunidades vem se alternando todo mês umas reuniões de caráter comunitário.<sup>14</sup>

Percebermos que entre 1973 e 1975 houve um crescimento no número de comunidades rurais com grupos de pessoas reunidos, participando de encontros

religiosos, já que nos primeiros registros eram citadas apenas quatro comunidades rurais. Os relatos destacam fatores importantes no conjunto destes grupos: a troca de experiência, elemento comum na dinâmica das organizações, onde cada grupo expunha suas conquistas ou suas dificuldades, os resultados dos trabalhos em cada comunidade; a avaliação, onde os participantes possuem a consciência de reconhecer erros e apontar novos caminhos; o uso da arte popular utilizada nos encontros e reuniões como forma de expressão e divertimento dos participantes, ou ainda como estratégia para buscar o interesse das pessoas em participar dos encontros, como comprova o depoimento de uma liderança da comunidade de Papagaio:

Agente tinha dificuldade que as vez o pessoal... tinha dia que não ia, tinha dificuldade de participar. Agente tinha uma liderança que era muito criativa na comunidade, que era Avani, e ela criava muita coisa assim pra puder fazer... animava pra o pessoal poder chegar nas reunião. E começou a fazer a... aniversário, comemorava os aniversário. Aí agente fazia Reis, pra roubar o aniversariante...<sup>15</sup>

Outro fator importante presente nos registros citados acima, corresponde ao caráter central destes encontros: “(...) entender o Evangelho dentro da vida e dos problemas do povo...”. É essa proposta de interpretação da bíblia em conjunto com a discussão dos problemas sociais que rodeavam os trabalhadores, a partir de círculos bíblicos, que os caracteriza como Comunidades Eclesiais de Base. A presença da fé cristã entre os participantes e a forte influência da Igreja no apoio a esses grupos foram fatores fundamentais para essa caracterização.

São ‘comunidades’, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma Igreja e mora na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem uma comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras.<sup>16</sup>

O primeiro encontro na comunidade de Papagaio, segundo o depoimento de Sr Antônio, aconteceu em 1973 na casa de um morador da localidade.

A primeira reunião que nós... que nós fizemo foi... foi na casa de Venerino. Isso foi... em setenta... a base de setenta... 72... 73 né? A primeira reunião. E lá o debate da reunião foi discutir a caneta e a enxada. A caneta e a enxada. Porque agente viu tomem, isso... isso ta na historia que a caneta é sustentada pela enxada, né? Todo fruto que tem, que vai pra cidade, sai daqui do meio rural, né isso? E daí dessa reunião foi aí que agente foi crescendo, foi aumentando o grupo, e os jovens tomam consciência também pra entrar na luta, e tamos aí, né?<sup>17</sup>

A discussão da “caneta e a enxada” ficou marcada na memória destes trabalhadores que participaram das CEB’s. Esse tema repercutiu no dia a dia das

reuniões, onde os trabalhadores rurais passaram a perceber o valor do seu trabalho e a importância de buscarem se alfabetizar e estudar, o que foi acontecendo com o passar dos anos. Ao perceberem a importância da enxada dentro da sociedade e as condições de opressão impostas pelos “letrados”, estes agricultores foram despertando e se mobilizando em busca de seus direitos. Essa discussão trazida para a reunião parece também ter sensibilizado os trabalhadores para um processo de conscientização, quanto às relações de exploração existente na sociedade. Quando o agricultor chega a essa conclusão de que “tá na história que a caneta é sustentada pela enxada”, é como se ele descobrisse a verdadeira importância do seu trabalho, e nascesse daí uma justificativa para cobrar melhores condições de vida e lutar por elas.

Nesta perspectiva, as reuniões que ocorrem a partir daí, trazem sempre um aspecto religioso, mas recheado de discussões e contestações a respeito de suas condições de explorados e demais problemas que os cercam. As atas de reuniões do grupo da comunidade de Peixe nos mostram uma sincronia entre as passagens bíblicas e as reflexões destas sobre o cotidiano dos próprios trabalhadores. Em um encontro datado de 12 de novembro de 1974, o tema da discussão constituiu um trecho do texto bíblico do livro do apóstolo Lucas, onde a questão da fé foi debatida entre os participantes. É bem nítida a preocupação dos participantes em trazer a discussão para seu cotidiano. Após a leitura seguiam-se os comentários dos participantes, a primeira fala registrada em ata apresenta a fé e a coragem como princípios para o enfrentamento dos problemas encontrados no cotidiano. Como esta fala foi de uma animadora do grupo, liderança da comunidade, podemos interpretá-la como um chamamento para a luta dentro das CEB's: “acho que logo que diz que deve amar e nunca desanimar, deve ser para nós procurar a fé, ter coragem, enfrentar os problemas”<sup>18</sup>.

Em um desses encontros surgiu uma discussão em torno da exploração a partir de uma pergunta lançada na reunião: “o que é exploração?” em resposta um agricultor afirma: “É o pobre trabalhar tanto e não arranjar nada, tudo que faz só serve pra o rico e o pobre é explorado mesmo. Pode melhorar a partir de reuniões”.<sup>19</sup> O reconhecimento da exploração a que são vítimas, tanto dos “ricos” ou do próprio Estado, e o entendimento destes encontros como espaço de mobilização coletiva, construiu um processo de elaboração de uma identidade entre estes trabalhadores. Isso é percebido também por Silva *et al.*<sup>20</sup> onde afirma que “A partir destes trabalhos com missionários, os agricultores passavam a discutir sua situação real, os problemas que os afligiam e

passavam gradativamente a tomar consciência de seus interesses e criar uma identidade de grupo”<sup>21</sup>.

Essa exploração reconhecida pelos trabalhadores rurais de Valente corresponde a um processo de exploração capitalista global, exercida pelas classes detentoras dos meios de produção, que ao mesmo tempo controla o Estado conservando uma política opressora. A exploração dos trabalhadores pode ser percebida em diferentes momentos da história, e no estudo sobre a formação da classe operária inglesa Thompson observa que “a relação da exploração é mais que a soma de injustiças e antagonismo mútuos. É uma relação que pode ser encontrada em diferentes contextos históricos sob formas distintas, que estão relacionadas a formas correspondentes de propriedade e poder estatal”<sup>22</sup>. O reconhecimento dessa exploração, que pode estar sendo imposta por diferentes segmentos aos trabalhadores, corresponde à tomada de consciência do sujeito, que o leva a politização e a busca coletiva de luta contra essa situação. E é esse processo que pode ser percebido com a “evolução” dos trabalhos das CEB’s em Valente.

Essa “evolução” se refere ao amadurecimento desses trabalhadores junto às reuniões, e ao mesmo tempo o aumento na quantidade dos grupos. As discussões traziam cada vez mais os aspectos relacionados aos problemas cotidianos, ao passo que estratégias de lutas eram pensadas com o objetivo de resolvê-los. Segue um registro de alguns encontros que aconteceram no ano de 1976, em diferentes comunidades rurais.

Foram quatro encontros, sendo dois para as pessoas e CEB’s mais firmes e dois para pessoas mais novas que vem aparecendo nas ações e nas atividades das suas CEB’s. Os encontros vêm ajudando através de troca de experiência que cada CEB tem para junto avaliar, aprofundar, tirar pista de continuidade. São apresentadas as atividades realizadas no campo religioso (missa na CEB, círculos bíblicos), no campo da valorização da arte popular (dramas, cantos e versos, cartazes), e mais espaço é dado para apresentar os passos dados nas pequenas ações. Este ano foi mais sobre seca, junto ao sindicato, as ajudas comunitárias e atuação em festas religiosas. Estes passos são avaliados vendo os frutos que deixaram, descobrindo o valor comunitário e evangélico para os trabalhadores que vem assumindo cada vez mais seu trabalho na CEB.<sup>23</sup>

É perceptível o alinhamento entre o trabalho religioso, as discussões políticas e as ações realizadas pelos trabalhadores dentro das CEB’s ou dentro do sindicato. A partir de 1975, com a direção do sindicato sendo assumida pelos trabalhadores rurais, formou-se um novo espaço de luta dentro desta instituição, e os trabalhos foram exercidos paralelamente pelos trabalhadores dentro das CEB’s e no Sindicato. A direção da



instituição foi assumida a partir da disputa destes trabalhadores, organizados enquanto grupo, contra alguns políticos locais que controlavam, a partir de dirigentes “pelegos”, a direção do sindicato.

Os Sindicatos de Trabalhadores Rurais serviam de esteios de sustentação do poder e da dominação locais, mantidos e controlados por grandes proprietários e comerciantes. Os serviços prestados pelos Sindicatos eram sempre recebidos como uma dádiva desses fazendeiros e comerciantes que detinham – como ainda detém em todos os municípios da região – o poder político e o controle geral do município. A retribuição dos camponeses se dá através do voto...<sup>24</sup>

Diante das dificuldades e das conquistas que caracterizam os movimentos sociais rurais em Valente, vimos nesse período uma grande capacidade de organização dos trabalhadores. Estes homens, e principalmente as mulheres que apareciam mais a frente desses movimentos, foram e continuam sendo protagonistas de uma luta legítima, onde seus anseios de liberdade e justiça podem ser lidos em suas manifestações e nas suas formas de linguagem. São perceptíveis as grandes conquistas destes grupos, que se conservam ainda hoje, muito deles institucionalizados em associações comunitárias e cooperativas fundadas nas suas próprias comunidades, preservando o caráter da luta coletiva nestes espaços. O controle do sindicato continua preservado em suas mãos, mesmo ainda com grande assédio dos políticos reacionários da cidade, que tentam apoiar chapas pelegas com intuito de manter o controle político da instituição sindical. Com a APAEB consolidada, foi possível a idealização de diferentes projetos sociais que beneficiam e apoiam os trabalhadores rurais, produz conhecimento científico e conserva a cultura regional nas comunidades. Essas conquistas pressupõem de alguma forma uma emancipação política e econômica desses trabalhadores, pois em sua maioria, estas pessoas não precisam ficar submissas à manipulação praticada pelas autoridades políticas da cidade.

Compreendemos, portanto, que os movimentos sociais rurais em Valente, a partir de 1970, são reflexos de um contexto histórico nacional, mas que surgem de uma realidade local concreta, e se inicia com a influência da Igreja Católica a partir da organização das CEB's. Os movimentos sociais neste período apresentam novas características de formação, sendo organizados em novos espaços de luta, emergindo da experiência cotidiana das pessoas em suas comunidades, nos bairros, nos trabalhos e em diferentes espaços em que se desenvolviam relações sociais. Princípios de união e

solidariedade mútua são estes elementos que apontam para construção de uma identidade coletiva dentro dos grupos, que se reuniam e buscavam de forma conjunta, discutir e resolver os problemas que afetavam suas vidas.

---

<sup>1</sup> Jânio Lopes de Oliveira, graduando em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

<sup>2</sup> IOKOI, Zilda Gricoli. *Igreja e camponeses*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

<sup>3</sup> SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

<sup>4</sup> MONTENEGRO, Antônio Torres. Ligas Camponesas e sindicatos rurais em tempo de revolução. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Organizador). *O Brasil Republicano: livro 3 : o tempo da experiência democrática : da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 264.

<sup>5</sup> MONTENEGRO, Antônio Torres. Ligas Camponesas e sindicatos rurais em tempo de revolução. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Organizador). *O Brasil Republicano: livro 3 : o tempo da experiência democrática : da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

<sup>6</sup> IOKOI, Zilda Gricoli. *Igreja e camponeses*. São Paulo: HUCITEC, 1996, p. 24.

<sup>7</sup> IOKOI, Zilda Gricoli. *Igreja e camponeses*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

<sup>8</sup> MENDONÇA, Sonia Regina de; FONTES, Virginia Maria. *História do Brasil recente, 1964-1980*. São Paulo: Ática, 1988, p. 70.

<sup>9</sup> SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

<sup>10</sup> SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p.26.

<sup>11</sup> SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 144.

<sup>12</sup> Folha nº 21 do Livro de Tomba da Paróquia Sagrada Família de Valente

<sup>13</sup> Folha nº 28 do Livro de Tombo da Paróquia Sagrada Família de Valente

<sup>4</sup> Folha nº 35 do Livro de Tombo da Paróquia Sagrada Família de Valente.

<sup>5</sup> Depoimento de Erenita Leonícia moradora da comunidade de Papagaio cedido em entrevista ao pesquisador.

<sup>16</sup> BETTO, Frei. *O que é comunidade eclesial de base*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 28.

<sup>6</sup> Depoimento do agricultor Antônio Jovencio morador da comunidade de Papagaio cedido em entrevista ao pesquisador.

<sup>7</sup> Fala de participante de uma reunião registrada em ata.

<sup>8</sup> Fala de participante de reunião registrada em ata na comunidade de Peixe.

<sup>20</sup> SILVA, Álvaro Luís Vasconcelos. OLIVEIRA, Ildes Ferreira de. COSTA, Iraneidson Santos. ESTRELA, Luiz. *APAEB: uma história de fibra, luta e resistência*. Valente: APAEB, 1993.

<sup>21</sup> SILVA, Álvaro Luís Vasconcelos. OLIVEIRA, Ildes Ferreira de. COSTA, Iraneidson Santos. ESTRELA, Luiz. *APAEB: uma história de fibra, luta e resistência*. Valente: APAEB, 1993, p. 38.

<sup>22</sup> THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operaria inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ºv, 2002, p. 28.

<sup>9</sup> Folha nº 45 do Livro de Tombo da Paróquia Sagrada Família de Valente.

<sup>24</sup> OLIVEIRA, Ildes Ferreira de. *A luta pela autonomia e participação política dos camponeses: um estudo nas micro-regiões de Feira de Santana e Serrinha no Estado da Bahia*. Dissertação: Campina Grande, 1987, p. 150.